

China e Índia indicam a rota do sucesso

Claudia Bozzo

Desregulamentação, incentivos fiscais, investimentos em infra-estrutura, em educação e um sólido compromisso com o desenvolvimento são alguns dos passos dados pela China e pela Índia na consolidação de seu acelerado crescimento, que acabou por gerar uma nova ordem global. Desde ontem, vários especialistas estão reunidos no seminário "Desafios Emergentes, a ascensão econômica de China e Índia e seus efeitos para o Brasil", no Hotel Transamérica, em São Paulo, para transmitir a brasileiros essa experiência. O evento termina hoje.

A abertura do seminário, sob o tema "Caracterização da competitividade asiática", trouxe um amplo panorama e um histórico dessa história de sucesso.

Ernesto Heinzemann, presidente do Conselho Empresarial Brasil-China, que promove o encontro, abriu as palestras afirmando que a instituição pretende, com essa conferência, "contribuir para o debate de questões estruturais e de políticas que poderiam fazer do Brasil um país mais competitivo, e assim traçar um paralelo com a China e com a Índia", países cujo crescimento deu novo rumo à globalização.

Reordenamento global

"Índia e, principalmente, China, são responsáveis pelo reordenamento produtivo global afetando profundamente a formação de preços de produtos industrializados, recursos naturais e serviços no mercado internacional. Com cerca de um terço da população mundial e representando 7% do Produto Interno Bruto (PIB) global, China e Índia foram responsáveis pela redução considerável de parte da pobreza mundial", afirmou Heinzemann.

No final de 2006, ele lembrou, "o fluxo de comércio sino-brasileiro ultrapassou os US\$ 16 bilhões e em 2007 deverá alcançar os US\$ 22 bilhões. A China ocupa posição de destaque nas relações comerciais brasileiras, sendo o terceiro parceiro comercial do país. No entanto, ainda há muito a fazer, pois existe um grande desconhecimento entre os países, sobretudo entre as comunidades empresariais".

Reconhecendo essa barreira, "o Conselho tem-se empenhado em divulgar o Brasil, com informações relevantes sobre oportunidades oferecidas pelo crescimento da China, além de organizar eventos nos dois países, para aproximar a comunidade empresarial", disse Heinzemann.

Visitando a China com frequência, ele disse que não pode deixar de refletir sobre as diferenças entre o desenvolvimento da China e do Brasil. "É urgente e oportuna a promoção de eventos como esse, para discutir a competitividade". A China, que na década de 80 exportava pouco menos que o Brasil, "fechou 2006 com um volume de exportações de US\$ 969 bilhões, enquanto o Brasil comemorou a marca de US\$ 137 bilhões nos últimos quatro anos".

Para ele, um dos fundamentos desse crescimento chinês é a abundância de recursos, gerada em parte pela capacidade de poupança interna (40% do PIB) associada à carga tributária - aproximadamente a metade da brasileira - e a gigantescos investimentos em infra-estrutura.

Como exemplo, ele citou a construção de 142 modernos aeroportos e as 18 empresas aéreas que operam no país "prestando serviços adequados com pousos e decolagens pontuais". A malha viária é comparável à dos EUA e da União Européia e se multiplica numa velocidade extraordinária. No Brasil, afirma, a carga tributária superior aos 37% do PIB tem infra-estrutura ineficiente e impõe à indústria uma carga injusta e desigual se comparada a qualquer país do mundo.

Ivan Ramalho, secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior elogiou a iniciativa e mais tarde, no almoço que reuniu os participantes do encontro, informou que o Brasil prepara o envio de uma nova missão comercial à China, já em junho.

Representando o ministro Miguel Jorge, Ramalho afirmou que a realização de encontros desse tipo permitem o crescimento das relações entre os países.

Para o embaixador da República Popular da China no Brasil, Chen Duqing, a globalização está trazendo o reordenamento econômico e sua presença em um encontro como o de ontem é fundamental para "consolidar as parcerias estratégicas, para que os países possam avançar juntos". A distância é grande, diz, mas temos como nos aproximar e espero que "todos possam fazer bons negócios da China".

Wenran Jiang, diretor e professor de ciência política no China Institute na Universidade de Alberta, no Canadá, descreve o desenvolvimento chinês com o termo "dragonomics" - a economia do dragão - e faz questão de afirmar que a China "não é nenhuma ameaça à economia global".

Volta à normalidade

Ainda sob o tema China, falou Arthur Kroeber, co-editor da China Economic Quartely e diretor da Dragonomics Research & Advisory, segundo o qual o crescimento do país é algo com o qual o mundo precisa se habituar: "o certo é que a China continuará crescendo, de modo sustentável, por mais quinze anos, pelo menos". Segundo ele, a China dos últimos 35 anos não é bem uma novidade. Durante 8 séculos, a China foi o centro da produção mundial, fabricando seda, porcelana, etc. Isso só mudou no século XIX com a revolução industrial. Segundo ele, "para os chineses, o crescimento é apenas a volta à normalidade, depois de 200 anos anormais". Outro dos segredos da China, além de mão-de-obra barata, é que a China é um país "muito aberto", disse Kroeber. Para ele, o mundo precisa se adaptar a uma outra realidade: "o preço das commodities ficará em uma base mais elevada. Mas como a tendência é de queda no preço dos manufaturados, haverá movimentos de comércio extremamente favoráveis, pelos próximos 20 anos".

Em resumo, a estratégia chinesa, segundo Kroeber, estabelece-se a partir de políticas como infra-estrutura de primeiro mundo; baixo custo de capital; forte capacidade estatal; políticas pragmáticas consolidadas com o desenvolvimento do Leste da Ásia; aceitação da concorrência, mesmo entre empresas estatais e setores que seriam "naturalmente monopolistas" e subsídios.

Quanto à concorrência, Kroeber explica que o país tem quatro empresas de telecomunicações que competem entre si, 5 no setor de energia e 4 no setor de aviação. Também a concorrência entre os governos provinciais conta. Quem ganha com isso? "Os consumidores, os produtores de commodities, os provedores de serviços". Kroeber encerrou sua palestra afirmando que "flexibilidade é a palavra que define a economia chinesa".

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 18 abr. 2007. Internacional, p. A16.